

## **Exclusão de minorias na sociedade pós-moderna: ferramentas foucaultianas de controle do discurso<sup>1</sup>**

Victor Carvalho do Amaral<sup>2</sup>  
Fábio Bitencourt Cadornin<sup>3</sup>  
Universidade Veiga de Almeida, Cabo Frio, RJ

### **Resumo**

A partir de reflexões sobre identidades na pós-modernidade, este artigo propõe uma discussão sobre os discursos da sociedade que operam na conservação das classes oprimidas, principalmente mulheres, negros e homossexuais. Delineia brevemente a história dos discursos de opressão das três minorias, até o início dos movimentos de resistência de cada uma delas. Explicita, também, as três ferramentas externas de exclusão discursiva de Foucault, fazendo uso delas para analisar o discurso do pastor Silas Malafaia contra a representação de homossexuais pela Disney.

**Palavras-chave:** Identidade; Diversidade; Minorias; Exclusão discursiva.

### **Identidade e diversidade**

A história humana é marcada por sucessivas transformações culturais que, ao longo dos séculos, mudaram as concepções de sujeito. A chegada à pós-modernidade, segundo Hall (2004), caracteriza-se por um momento de crise de identidade. Mais do que em qualquer tempo, as identidades culturais se tornaram dinâmicas.

A supressão de certas características e a obtenção de novas formas de o sujeito perceber e compreender a realidade e a si mesmo se dão, em grande parte, pela ampliação dos contatos entre grupos e culturas distintas. Trata-se de um processo, que de acordo com Hall (2004, p. 38), ocorre de forma não deliberada. “A identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes. (...) Ela permanece sempre incompleta e está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”. A identidade pós-moderna permite que o homem possua, então, uma grande pluralidade de atributos e assim se identifique com pessoas e grupos específicos.

A diversidade resulta na formação de grupos dentro das sociedades. Ao compartilhar características, práticas e pensamentos comuns, sujeitos se identificam e se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 4º período do Curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida, *campus* Cabo Frio (RJ). E-mail: ca.vctr@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Linguagem, professor e coordenador do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Processos Culturais e Midiáticos, da Universidade Veiga de Almeida, *campus* Cabo Frio (RJ). E-mail: fabio.cadorin@uva.br

aproximam. No entanto, a sociedade nem sempre apresenta uma convivência pacífica entre todos os grupos. Ocorrem constantes disputas por poder e autonomia, culminando, em muitos casos, na opressão de alguns em benefício de outros. Esses conflitos constantes geram, também, a fragmentação e a descentralização do poder dentro da sociedade, influenciando os próprios indivíduos e suas identidades, como aponta Hall (2004), apresentando argumentos de Ernest Laclau (1990).

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma (...). Ela está constantemente sendo 'descentrada' ou deslocada por forças fora de si mesma. As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela 'diferença'; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" — isto é, identidades — para os indivíduos (HALL, 2006, p.17).

Essa sociedade, definida por conflitos e grupos divergentes, é permeada pelos mais variados discursos, que defendem ideias e crenças. Na medida em que vão sendo difundidos e repetidos, se cristalizam no meio social, estabelecendo valores, funções e até mesmo posições que devem ser ocupadas por certos indivíduos. Os discursos têm o poder de estruturar a sociedade, organizando o funcionamento das instituições, mas também influenciando a visão de mundo do indivíduo nela inserido. Segundo Foucault (1999), quase nenhum discurso que se produz é original, mas sim um diálogo com discursos antes proferidos. Eles são apenas readaptados a situações presentes.

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível (FOUCAULT, 1999, p. 5-6).

Os discursos, no entanto, podem ser modificados a partir de questionamentos e algum tipo de resistência. Um exemplo disso foram as alterações na dinâmica da sociedade que ocorreram na época do Iluminismo.

---

Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. O status, a classificação e a posição de uma pessoa na 'grande cadeia do ser' - a ordem secular e divina das coisas - predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano (HALL, 2006, p. 25).

A sociedade, ainda hoje, no entanto, apresenta discursos com a função de impedir a movimentação social e conservar a dinâmica de poder existente. Por meio desses discursos torna-se possível para os que detêm o poder e se veem beneficiados por tais paradigmas usar as massas para preservar os moldes culturais em que se organizam e, ainda, justificar todas as violências que os grupos não beneficiados sofrem.

Atribui-se o nome de minorias sociais aos não beneficiados, quando esses apresentam características similares, sofrem algum tipo de opressão e são estigmatizados por outros grupos que detêm maior poder ou controle dos discursos. Sendo assim, grupos numericamente maiores como os pobres, mulheres e grupos étnicos não-brancos também são definidos como minorias, assim como grupos menos numerosos como homossexuais, pessoas com deficiências, imigrantes de países não colonizadores, entre outros. “Minoria não é, portanto, uma fusão gregária mobilizadora, como massa ou a multidão ou ainda um grupo, mas principalmente um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra-hegemônica” (NUNES apud SODRÉ, 2011, p.11).

Os discursos que buscam estigmatizar e oprimir determinados grupos são responsáveis pela manutenção das classes na sociedade, pois permitem que a exploração das minorias, por exemplo, seja feita com pouca ou nenhuma resistência. Assim, a sociedade se encerra dentro de uma gaiola ideológica, com a função de conservar e beneficiar um grupo seletivo que exerce o poder sobre a massa. Mesmo que essa massa execute papéis-chave dentro da sociedade, é frequentemente privada de sua representação ou reconhecimento.

Vê-se que todos esses discursos de segregação e opressão atuam com uma mesma proposta simples de desumanização da minoria a que se direciona. O discurso se aproveita dessas diferenças individuais dos grupos presentes na sociedade para promover um distanciamento entre o que figuraria como “nós” e “eles”, estigmatizando de forma negativa as especificidades de determinada minoria. Ou seja, torna-se mais fácil a

---

dominação quando ocorre “a atribuição generalizada de valor a diferenças reais ou imaginárias para o benefício do acusador sobre a vítima, com a finalidade de justificar o privilégio ou agressão do primeiro” (SHOHAT e STAM *apud* MEMMI, 2006, p.45). Uma das maiores violências exercidas por tais discursos, e o ponto mais importante para sua efetivação, portanto, é fazer com que as próprias minorias acreditem nesses paradigmas, e que façam coro à crença de que são inferiores.

Por mais bem-sucedidos que esses paradigmas sejam na “domesticação” das minorias, eles não se sustentam continuamente sem questionamentos. Em oposição a eles, surgem movimentos sociais que propõem a quebra dessas ideias e o reconhecimento dos grupos minoritários como importantes à sociedade e sem os estigmas de inferioridade. Eles defendem que todos sejam tratados como seres humanos iguais, apesar das diferenças.

Essa dinâmica de movimentos sociais tem se tornado ainda mais intensa neste momento em que se vai estabelecendo uma nova cultura em escala global. A cibercultura, oriunda da evolução tecnológica e da convergência digital, vem ampliando o acesso à informação e promovendo a liberação do polo emissor. Não se pode negar que ainda há muita exclusão, mas os discursos que antes eram apenas produzidos pelas grandes corporações de mídia, vinculadas ao poder político e econômico, agora se veem multipolarizados, permitindo que cada indivíduo entre em contato com grupos que o representem, e aprenda mais sobre as minorias excluídas. O contato entre esses indivíduos que partilham pensamentos comuns também se torna mais fácil. Assim, ganham voz aqueles que antes eram ignorados e os movimentos sociais se fortalecem para exigir seu espaço e reconhecimento na sociedade.

O ciberativismo, através do espaço virtual, tem a oportunidade de articular as reivindicações políticas. As ferramentas comunicacionais se apresentam como um instrumento facilitador da troca de informações entre militantes, como também entre movimentos ocorridos em lugares diferentes (MAIA e SOUZA, 2014, p. 9).

Entretanto, a despeito das novas possibilidades oferecidas pela cultura digital, Jenkins, em entrevista a Kalinke e Rocha (2016, p. 179), alerta que não se deve presumir que as novas tecnologias de mídia são inerentemente democratizantes. “Ao contrário,

---

devemos vê-las como instrumentos por meio dos quais podemos lutar para alcançar mais plenamente as potencialidades de uma sociedade mais diversificada e democrática”.

Discursos amplamente difundidos confirmam a existência, ainda, de uma série de práticas excludentes contra grupos minoritários. No tópico a seguir, tratam-se de alguns exemplos, como misoginia, racismo e homofobia.

### **Misoginia, racismo e homofobia**

Historicamente, as mulheres são vítimas de opressão. Almeida (2014) apresenta as três fases definidas por Lipovetsy (2000) para situar esse processo de subjugação. A primeira delas é a “mulher objeto”, quando ela não tinha nenhum papel social além do de pertencer ao homem. Sua representação era marcada pela impessoalidade e falta de identidade. Essa condição foi modificada durante a Idade Média, que corresponde à segunda fase, quando se cultuava o “sagrado feminino”. No entanto, a mulher ainda se mantinha como uma ferramenta para o engrandecimento do homem. De objeto ela se tornava acessório. Seu valor sempre estava aliado a eles. As mulheres não eram consideradas protagonistas da sua própria vida, sendo controladas e tendo suas escolhas definidas pela sociedade. Com a chegada do século XX, a mulher entra na sua terceira fase, marcada pela consolidação do feminismo e pelos estudos históricos das mulheres, que começaram a ser feitos nesse período. Essa terceira fase é caracterizada, finalmente, pela emancipação da mulher como detentora do poder sobre si mesma, aliando-se ao sufrágio universal e métodos contraceptivos que influenciaram na liberação sexual, por exemplo. Porém, a mulher da terceira fase ainda apresenta disparidades com os homens. Tem salários menores e sofre, ainda, com o controle de sua sexualidade e de seu corpo. Um ponto importante proposto por Almeida (2014, p. 3) é que “é preciso ponderar que a emersão de um modelo não elimina o outro, de modo que, variando-se o contexto no tempo, no espaço, em classes sociais e outras variáveis, é possível encontrar a primeira ou a segunda mulher coexistindo com a terceira”.

Já o racismo encontra suas raízes no colonialismo, quando se torna uma ferramenta discursiva para a subjugação dos povos e culturas que divergiam dos moldes europeus. Tratados como selvagens, a ideia de raça surge para desigualar a pureza branca

e europeia das colorações das colônias, por exemplo, a pele negra dos africanos e a pele avermelhada dos nativos da América. Como apontam Shohat e Stam (2006, p. 46), “os africanos antes da colonização não pensavam em si como negros, mas como membros de grupos específicos – bontu, fon, hauga, ibó – assim como os europeus, antes da invenção do ‘branco’, consideravam-se irlandeses, sicilianos e assim por diante”.

O racismo age por meio da desumanização do grupo oprimido, criando um distanciamento para que não exista empatia entre opressor e oprimido, ou para que a morte ou o abuso sejam considerados uma forma de piedade, uma forma de pôr fim ou dar algum valor àquela “vida bestial”. Em resistência a essa ideologia, criou-se o movimento negro, o primeiro entre as outras minorias étnicas. Domingues (2005) fala sobre sua concepção e expansão.

Ele provavelmente surgiu nos Estados Unidos, passou pelas Antilhas; em seguida atingiu a Europa, chegando a França onde adquiriu corpo e foi sistematizado. Depois, o movimento expandiu-se por toda a África negra e as Américas (inclusive o Brasil), tendo sua mensagem, assim, alcançado os negros da diáspora” (DOMINGUES, 2005, p. 02).

Dentro desse retorno às raízes de sua etnia em detrimento das influências eurocêntricas que os definiam, passaram a reivindicar seu espaço dentro da sociedade, buscando seu poder político, emancipação, liberdade cultural e quebra dos paradigmas que se perpetuam na sociedade desde os tempos coloniais. Apesar de ter alcançado diversas conquistas, a luta desse movimento ainda persiste, porque não se exige só uma desconstrução do discurso, mas a desconstrução de certas instituições sociais.

Outro grupo minoritário vítima de exclusão, e que é objeto de análise deste artigo, é o dos homossexuais. Segundo Sierra (2013), que baseia seus argumentos na obra “A História da Sexualidade”, de Foucault (2001), o caminho para estigmatizar a homossexualidade começou na era Vitoriana, sob os dogmas da Igreja Católica e a institucionalização da monogamia. “Até então o que existia eram práticas sexuais que dispensavam qualquer tentativa de construção de uma verdade médico-biológica-científica em torno do sexo” (SIERRA, 2013, p. 117). Logo o sexo se tornou ferramenta política, segundo Foucault, sendo limitado a uma ferramenta de fertilidade e destituído de prazer. O controle do sexo movimentou a economia, com o desenvolvimento dos

---

prostíbulos, centralizando o dinheiro das famílias nobres e conferindo grande poder à Igreja. O sexo, então, limitado à procriação, punha em cheque tudo o que divergisse do sexo heterossexual, monogâmico, dentro do casamento. Qualquer diversidade era tratada como perversidade e doença. Assim, surge a homofobia na sociedade ocidental, discurso que propõe a desumanização de todos aqueles que não se aliam aos dogmas heterossexuais vigentes, que passam a ser considerados anormais.

(...) indivíduo anormal do século XIX vai ficar marcado – e muito tardiamente, na prática médica, na prática judiciária, no saber como nas instituições que vão rodeá-lo – por essa espécie de monstruosidade que se tornou cada vez mais apagada e diáfana, por essa incorrigibilidade retificável e cada vez mais investida por aparelhos de retificação (SIERRA apud FOUCAULT, 2013, p. 117).

O estigma sobre esse grupo perdura por séculos, figurando como doença mental e exigindo tratamentos absurdos através do tempo. No século XX, surgem os movimentos LGBTQ ou LGBTI, nomenclaturas modernas do movimento, que exigem a aceitação e a igualdade dos homossexuais na sociedade, lutam para derrubar o preconceito e questionam paradigmas sustentados por séculos.

A homofobia causada por tal discurso ainda perdura. É o que se vai observar no *case* analisado nesta pesquisa. Antes, porém, faz-se uma breve descrição de ferramentas de controle do discurso, segundo a visão de Foucault.

### **Ferramentas discursivas foucaultianas**

Os grupos detentores de poder, contudo, buscam a constância nas relações sociais apesar da resistência das minorias. Para isso, como mostra Foucault (1999), usam ferramentas de discurso capazes de promover a manutenção de sua posição.

Três ferramentas são apontadas pelo filósofo para promover a descrença nos argumentos dessas minorias que visam a desestruturar os discursos vigentes. São elas: a interdição, a separação e a vontade de verdade.

A interdição consiste no impedimento de debates sobre determinados assuntos, frequentemente, política, sexualidade e religião. Não por acaso, são temas cruciais para se exercer o controle das massas e das minorias. Essa ferramenta funciona através da criação de tabus, o que impede que os temas apontados como inconvenientes sejam

colocados em pauta e suscetíveis a outros pontos de vista. Ela confere, ainda, poder exclusivo de abordar determinados temas a um grupo específico de indivíduos, destruindo as possibilidades de debate livre e impedindo sua democratização. Assim, conservam-se as posições ideais àqueles que exercem o poder (FOUCAULT, 1999).

A separação, ou a palavra do louco, a segunda ferramenta, é usada para desacreditar a fala daquele que vai contra os paradigmas vigentes na sociedade. O emissor de uma ideia divergente se vê estigmatizado pelo uso de preceitos sociais para que suas opiniões e propostas sejam descartadas. Muitas vezes, ela também ocorre simultaneamente à interdição, e aponta os absurdos de se falar de determinado tabu, questionando a integridade ou capacidade daquele que põe em xeque os paradigmas vigentes. Assim, qualquer um que vá contra as regras sociais é marginalizado e desacreditado, para que suas afirmações não coloquem em risco as estruturas que conferem poder aos grupos dominantes (FOUCAULT, 1999).

A vontade de verdade é a mais comum, pois é a ferramenta na qual a sociedade mais se baseia. Ela se alia ao valor dado à ciência e a sua exatidão para determinar uma suposta precisão a todos os aspectos da vida. No entanto, ignora a máxima científica de sempre questionar, mesmo quando se tenha uma resposta aparentemente correta. Dispensa a noção de que a verdade e a realidade não passam de leituras dos acontecimentos, interpretadas por pessoas que podem apresentar pensamentos divergentes. Qualquer ideia que se oponha ao que se tem comumente como verdade é subordinada aos ideais correntes ou derrubada, excluindo qualquer discurso que vá de encontro aos paradigmas que estruturam a sociedade. (FOUCAULT, 1999).

As ferramentas de controle estão presentes nos mais diversos tipos de discurso correntes e são usadas por vários grupos, desde a elite conservadora aos militantes das minorias. No tópico a seguir, apresenta-se um *case* em que a homofobia é defendida Silas Malafaia, político brasileiro e pastor da Associação Vitória em Cristo, ligada à Assembleia de Deus.



## Metodologia

Para analisar se nos depoimentos do pastor Silas Malafaia aparecem ferramentas de controle do discurso, efetua-se uma análise de conteúdo, conforme propõe Bardin (2010).

[Análise de conteúdo] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis) indeferidas destas mensagens (BARDIN, 2010, p. 44)

Existem técnicas distintas para se realizar uma análise de conteúdo. Para esta pesquisa optou-se pela criação de categorias, conforme sugere Bardin (2010), a fim de verificar se o conteúdo das mensagens que compõem o *corpus* dessa análise se encaixa em algumas delas. Como base no referencial bibliográfico, estabelecem-se como categorias as três ferramentas externas de controle do discurso apontadas por Foucault (1999). Assim, surgem as categorias (1) interdição, (2) separação e (3) vontade de verdade.

Para o *corpus* de análise, foram selecionadas todas as mensagens publicadas por Silas Malafaia na rede social Twitter, entre os dias 1º e 3 de março de 2017, sobre o tema homofobia. Foram descartadas todas as demais mensagens que não tinham qualquer relação com o tema desta pesquisa, além das mensagens que levam à outras plataformas de comunicação.

### **Case: Pastor Silas Malafaia versus Disney**

No dia primeiro de março de 2017, a Disney exibiu um episódio da série de animação “Stars vs. as forças do mal” em que mostrou o beijo de um casal homossexual. A cena gerou discussão nas redes sociais. No meio da polêmica, o Pastor Silas Malafaia, ligado à Assembleia de Deus, compartilhou no Twitter sua opinião sobre o tema.

Figura 1 e 2- Tweets de Silas Malafaia (1º a 3 de março de 2017) Fonte: [www.twitter.com/pastormalafaia](http://www.twitter.com/pastormalafaia)

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 1 de mar  
A safadeza da Disney em querer erotizar e ensinar homossexualismo a crianças, chegou em seus desenhos.VAMOS DIZER Ñ PARA ESSES DEVIADOS.

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 1 de mar  
A Disney fez a escolha de ensinar homossexualismo para as crianças.A declaração universal de direitos humanos, diz q esse ensino é dos pais.

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 1 de mar  
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS ART 26 os pais tem prioridade de direito na escolha do gênero de instrução q será dada aos filhos.

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 1 de mar  
VAMOS FAZER UMA GRANDE CAMPANHA PARA OS PAIS NÃO COMPRAREM NENHUM PRODUTO DA DISNEY.ESSA É A RESPOSTA PARA ESSES Q QUEREM DESTRUIR A FAMÍLIA

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 1 de mar  
A constituição, o ECA, a declaração latino americana de direitos humanos, todos afirmam q a educação sexual dos filhos é dada pelos pais.

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 1 de mar  
Não existe coisa mais covarde e asquerosa, do que atingir crianças indefesas.VAMOS DIZER NÃO PARA A DISNEY.Educação sexual é dada pelos pais

Figura 3 e 4- Tweets de Silas Malafaia (1º a 3 de março de 2017) Fonte: [www.twitter.com/pastormalafaia](http://www.twitter.com/pastormalafaia)

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 2 de mar  
Tem gente preocupada com virgula, ñ com a imoralidade. Engolem camelo e se engasgam como mosquito.HIPÓCRITA! MEDÍOCRE!

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 2 de mar  
Como muitos ñ tem argumentos para me contradizer, o jeito é xingar, difamar e caluniar.A ARMA DOS INCOMPETENTES É ESSA.Só kkkkk muito kkkkk

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 2 de mar  
A gayzada está nervosa.CALMA! Amo vocês, só discordo da prática sexual de vocês.Os intolerantes ñ suportam o contraditório.OPINIÃO Ñ É CRIME

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 2 de mar  
SINCERAMENTE! Me divirto com os ignorantes, ñ possuem um argumento plausível. O negócio é xingar e caluniar. Só kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 2 de mar  
IGNORANTES! Vão ler o ECA( estatuto da criança e do adolescente) é proibido em revistas,videos,livros, tudo q induz a erotização de crianças

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 2 de mar  
Essa é a sociedade podre, sem Deus.Estou em defesa das crianças e do direito constitucional dos pais educarem os filhos.Onde nós chegamos.

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 2 de mar  
VERDADEIRA INVERSÃO DE VALORES > Libertinos, devassos e inescrupulosos, são defendidos. Defender a família e as crianças, é ser quadrado.

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 2 de mar  
O que tem de ignorante falando o que ñ sabe é impressionante.Se informe para ñ ficar falando asneira.Só ficam no Twitter e no zap kkkkkkkkkkk

Figura 5 e 6- Tweets de Silas Malafaia (1º a 3 de março de 2017) Fonte: [www.twitter.com/pastormalafaia](http://www.twitter.com/pastormalafaia)

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 3 de mar  
FICO RINDO. Ao espalharem a noticia da minha posição contra a safadeza da Disney, tentando me ridicularizar, despertam a atenção para o tema.

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 3 de mar  
UM ESPANTO! Gente que ñ sabe nem o que significa erotizar criança, dando palpite medíocre.Não me façam rir kkkk assim eu ñ agüento kkkkkkkkk

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 3 de mar  
MUITO,MUITO OBRIGADO! O ataque q recebi dos gays por ter condenado a Disney.Essa é a prova q estamos no caminho certo.VALEU! VALEU MUITO!

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 3 de mar  
Ser enxovalhado por defender os valores da família e de crianças e adolescentes, é uma honra. Ser ridicularizado por devassos é um prazer.

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 3 de mar  
Sexualidade precoce é uma das maiores violência contra as crianças, elas ñ sabem diferenciar entre ordenança,sugestão e informação.COVADES!

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 3 de mar  
AQUI ESTÁ A PROVA > Se eu ñ tivesse nenhuma influência, ninguém se importaria com o q falo. A noticia da minha posição, já está nos jornais.

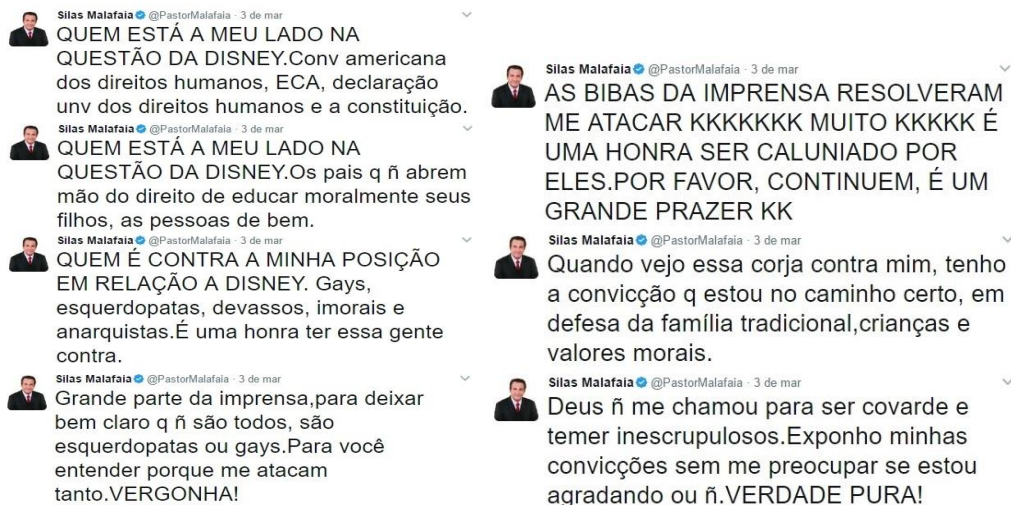
**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 3 de mar  
Quem ñ tem argumentos para o debate de idéias, tenta desqualificar o oponente com calúnias e difamações.Essa é a arma dos incompetentes.Sókk

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 3 de mar  
Ñ ESTOU ENTENDENDO! Ñ tenho influência. o q falo, para alguns, ñ diz nada. Porque tanta divulgação e preocupação com o q falo? SE CONTRADIZEM

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 3 de mar  
OBRIGADO! OBRIGADO! OBRIGADO! Pela ampla divulgação da nossa posição contra a Disney.Os amigos nos fazem bem, os inimigos nos promovem kkkkk

**Silas Malafaia** @PastorMalafaia · 3 de mar  
Obrigado por toda a promoção e divulgação,para despertar a sociedade contra o lixo moral q quer atingir nossas crianças.VALEU MESMO!

Figura 3 e 4- Tweets de Silas Malafaia (1º a 3 de março de 2017) Fonte: www.twitter.com/pastormalafaia



A tabela a seguir indica se aparecem elementos de controle do discurso, conforme as categorias previamente estabelecidas no discurso do pastor Silas Malafaia.

Tabela 1- Categorias de análise

Categoria	Definição	Depoimentos
Interdição	Censura quanto ao debate de determinados assuntos.	“Educação sexual é dada pelos pais”, “opinião não é crime”
Separação	Desacredita a fala daquele que vai contra os paradigmas vigentes na sociedade.	“devassos”, “libertinos”, “gayzada”, “esquerdopatas”, “anarquistas” “inescrupulosos”, “imorais”, ignorantes”, “gente que não sabe nem o que é erotização”, “só ficam no twitter e no zap”.
Vontade de verdade	Aceitação de uma crença como verdade absoluta, negando ideias divergentes.	“Educação sexual”, “erotização infantil”, referências ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Declaração Universal dos Direitos

		Humanos, “sociedade sem Deus”, “Sexualidade precoce”.
--	--	--

Conforme é possível observar na tabela, as três ferramentas de exclusão propostas por Foucault são usadas com certa frequência. A primeira delas, a Interdição, surge em dois momentos, ao apontar que a “educação sexual é dada pelos pais” e ao se defender dizendo que “opinião não é crime”. No primeiro caso, a interdição é reconhecida, pois ele propõe que a discussão e representação de sexualidade não ocorra quando relacionada a crianças. Impedindo a discussão do tema, sexualidade infantil, que é um tabu social. Ignorando, inclusive, a formação da sexualidade do indivíduo, que ocorre na infância, como proposto por Freud e apontado por Costa e Oliveira (2011).

Em seguida, a interdição é válida para rechaçar todos os argumentos que questionam sua visão, ao declará-la “opinião” e dizer que “opinião não é crime”, dessa forma ela seria subjetiva e indiscutível. Ele falha, no entanto, ao perceber que sua opinião é capaz de gerar outras opiniões, e dessa forma, ela não se caracteriza indiscutível.

A segunda ferramenta proposta é a Separação. O discurso do pastor se vale dela em diversos momentos ao se referir aos opositores de sua opinião. Ele aponta estes como “devassos”, “libertinos”, “inescrupulosos”, “imorais”, e se baseando no pretexto homofóbico de anormalidade, “gayzada”, “bibas”, usando determinados termos com o intuito de apontar em seu discurso, pessoas de conduta sexual questionável e que não deveriam ser levados em consideração numa discussão sobre a moral. Ele ainda questiona as capacidades cognitivas de seus opositores ao chamá-los de “ignorantes”, apontar que esses “não sabem” do que se trata os temas em pauta, e ainda, questionar seus hábitos como “só ficam no Twitter e no zap” (zap, em referência à ferramenta de troca de mensagens WhatsApp), dizendo, assim, que suas opiniões não devem ser levadas em consideração por sua baixa inteligência, capacidade crítica e aquisição de conhecimento formal.

---

A terceira e última ferramenta, a vontade de verdade, é usada como base de todos os seus argumentos. A primeira delas é propor que a série em questão seria capaz de figurar como educadora sexual das crianças que a assistem. Porém, tal conceito é amplamente discutido pelos mais variados teóricos e vertentes da comunicação, não se tendo uma afirmação definitiva sobre o tema. Em seguida, ele acusa a série de estar promovendo a “erotização infantil” por representar casais homossexuais adultos se beijando no meio de diversos casais heterossexuais. É importante perceber aqui a seletividade na representação, focando, assim, em reforçar a estigmatização da minoria que visa excluir. Ainda assim, ele parte de sua própria interpretação do ato retratado como libidinoso, e não uma possível expressão de afeto, para declarar sua opinião como verdade absoluta.

Já ao se referir ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Declaração Universal de Direitos Humanos, se vale de sua própria interpretação dos mesmos. Sendo os artigos citados, respectivamente: “Art. 78. As revistas e publicações contendo material impróprio ou inadequado a crianças e adolescentes deverão ser comercializadas em embalagem lacrada, com a advertência de seu conteúdo.” (ECA) e o “Artigo 26º (...) 3. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o gênero de educação a dar aos filhos.” (DUDH, p. 14) que não se referem em nenhum momento à representação da diversidade sexual.

Ele ainda declara que vivemos “[n]uma sociedade sem Deus”, partindo do pressuposto de que a falta de sua própria religião causaria danos à sociedade, ignorando o fato de a religião ser um ato de identificação individual e que as regras destas devem ser limitadas aos que às seguem. Por fim, ele faz a afirmação de que a “sexualidade precoce é uma das maiores violências contra as crianças”, ignorando a teoria Freudiana de que os seres humanos possuem sexualidade (espectro psicológico que compõe a sua identidade) desde seu nascimento que se desenvolve durante a infância. (COSTA e OLIVEIRA, 2011).

---

## Considerações finais

Com base na análise, percebe-se a presença de ferramentas de exclusão discursiva externa apontadas por Foucault. Estas, no discurso analisado, visavam a impedir a representatividade dos homossexuais na mídia, para conservar seu papel de minoria. Acredita-se que essa representação, no entanto, deve ser valorizada uma vez que tende a ser positiva tanto para a formação da identidade dos indivíduos que fazem ou virão a fazer parte deste grupo quanto para o reconhecimento deste pela sociedade. Trata-se de uma ferramenta para o debate e questionamento do discurso homofóbico vigente, e, com o debate, a possível desestruturação deste discurso.

O estudo feito e os argumentos levantados por este artigo podem servir para a percepção de outros discursos que buscam conservar a atual construção social. Servem, também, como um apontamento sobre a forma com que essa opressão se organiza na sociedade e como ela se estrutura para exercer a sua função.

## Referências

ALMEIDA, D. R. B. **Materialismo histórico, estudos culturais e feminismo: fundamentações para a pesquisa sobre gênero**. Seminário Nacional de Teoria Marxista, Uberlândia, p. 01-15, 12 a 15 de maio de 2014.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.  
BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>.

COSTA, E.R.; OLIVEIRA, K. E. **A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo**. Itinerarius Reflectionis, Jataí, v. 2, n. 11, p. 01-17, 2011.

DOMINGUES, P. **Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica**. Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan./jun. 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 5. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KALINKE, P.; ROCHA, A. **Convergência e conexão são o que impulsionam a mídia agora**. In: Diálogos Midiáticos 33. V. 39, n.1, jan./abr. 2016.

MAIA, M. P.; SOUZA, A. K. A. **Cibercultura e os Movimentos Sociais**. Revista Eletrônica Inter-Legere, n.14, p. 01-22, jan./jun. 2013.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos** <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>

PAIVA, R.; BARBALHO, A. **Comunicação e cultura das minorias**. 1ed. Paulus, 2005. Resenha de: NUNES, A. P. G. **Minorias: Apontamentos e reflexões no campo científico**. Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades, n. 10, p. 01-06, maio/out. 2012.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica: Multiculturalismo e Representação**. 1. ed. Cosac Naify, São Paulo, 2006.

SIERRA, J. C. **Corpo, sexualidade e poder: a homossexualidade na mídia e as biopolíticas de prevenção contra a AIDS**. Textura, Canoas, n.28, p. 111-128, maio/ago. 2013.